

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (UEMA)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO E SISTEMAS  
(PECS)  
MESTRADO EM ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO E SISTEMAS  
DISCIPLINA: COMPUTAÇÃO AFETIVA  
PROFESSOR: DR. CÍCERO COSTA QUARTO

## **COMPUTAÇÃO AFETIVA : UMA ANÁLISE DO FILME "O HOMEM BICENTENÁRIO" E A TEORIA DE ROSALIND PICARD**

**Discente:** Max Leandro Silva

### **1. INTRODUÇÃO**

A Computação Afetiva, campo interdisciplinar pioneiro consolidado por Rosalind W. Picard, propõe uma mudança de paradigma na interação humano-computador. Tradicionalmente, as máquinas foram desenvolvidas sob a égide do processamento lógico puro. No entanto, a evolução tecnológica e os estudos de Picard sugerem a necessidade de sistemas capazes de reconhecer, interpretar, processar e simular afetos humanos. Esta introdução visa explorar como a inclusão de emoções no ciclo de decisão das máquinas e a busca por uma inteligência emocional artificial podem transcender a barreira da frieza algorítmica, permitindo que a tecnologia não apenas assista, mas compreenda e se conecte com a experiência humana de forma profunda.

### **2. RESUMO DO FILME**

O longa-metragem "O Homem Bicentenário" narra a extraordinária trajetória de Andrew Martin, um robô da série NDR-114 adquirido para realizar tarefas domésticas. Diferente de um sistema operacional comum, Andrew demonstra desde cedo sinais de criatividade, curiosidade e uma capacidade ímpar de aprendizado contínuo. Ao longo de dois séculos, o robô evolui de uma máquina servil para um ser complexo que busca ativamente compreender e vivenciar as emoções humanas. O filme serve como uma poderosa metáfora para a busca da identidade e o que fundamentalmente nos torna humanos, ilustrando como a tecnologia, ao adquirir a capacidade de sentir e expressar afeto, pode desafiar as fronteiras entre o artificial e o biológico, levando o protagonista a lutar pelo reconhecimento legal de sua humanidade, culminando na aceitação de sua própria mortalidade.

### **3. ANÁLISE**

A nossa análise correlacionou os fundamentos teóricos da obra de Picard com a narrativa cinematográfica, focando nos seguintes eixos temáticos:

<b>Conceito Chave</b>	<b>Descrição e Aplicação</b>
<b>Antropomorfização</b>	A tendência humana natural de atribuir características e sentimentos humanos a interfaces que demonstram sinais de afeto. No filme, a família Martin rapidamente passa a tratar Andrew não como um eletrodoméstico, mas como um membro da família, devido às suas respostas emocionais e criativas.
<b>Marcadores Somáticos e Sensores</b>	Baseado na teoria de que a lógica pura é insuficiente para decisões assertivas, a Computação Afetiva exige sensores para captar o estado físico. Andrew busca ativamente "upgrades" fisiológicos (como um sistema nervoso central sintético) para experimentar sensações táteis, dor e prazer, elementos cruciais para a verdadeira compreensão emocional.
<b>Simulação vs. Vivência Emocional</b>	O dilema central da teoria de Picard sobre se as máquinas apenas simulam ou realmente "sentem". Andrew transcende a mera simulação programada; ele desenvolve um sistema interno de valores e afetos genuínos, sofrendo com a perda de entes queridos e amando profundamente, o que guia suas decisões mais complexas.
<b>A Mortalidade como Validador Afetivo</b>	A compreensão de que a experiência humana é definida por sua finitude. O ato final de Andrew, ao escolher envelhecer e morrer para ser reconhecido como humano, demonstra que a verdadeira inteligência emocional e a empatia perfeita exigem a vulnerabilidade inerente à condição mortal.

#### **4. CONCLUSÃO**

Concluimos que a jornada de Andrew em "O Homem Bicentenário" ilustra de forma magistral os objetivos e os desafios propostos pela Computação Afetiva de Rosalind Picard. A busca pela humanização das máquinas revela que a inteligência artificial, quando dotada de capacidade afetiva, pode gerar laços poderosos e transformar a sociedade. No entanto, a obra nos alerta que a verdadeira empatia e a conexão humana autêntica estão intrinsecamente ligadas à nossa imperfeição e mortalidade. A computação afetiva deve, portanto, servir como uma ponte para melhorar a interação e o bem-estar, respeitando a complexidade única da experiência humana, sem a ilusão de que a imortalidade algorítmica possa substituir a beleza efêmera da vida.